

## O TEÓLOGO NO BANCO DOS RÉUS

### A tradução e interpretação da preposição 'el em Jó 42,7-8

*Roger Marcel Wanke<sup>1</sup>*

#### **Resumo**

*A tradução do livro de Jó tem sido um dos grandes desafios para quem se ocupa com essa obra-prima da literatura sapiencial veterotestamentária. Nos últimos anos, a pesquisa tem trazido à tona alguns problemas de tradução do texto, que inclusive chegam a influenciar a sua interpretação. Um exemplo bastante discutido são os versos de Jó 42,7-8. Javé faz uma crítica veemente aos amigos de Jó, porque eles não teriam falado corretamente sobre Ele, como o seu servo Jó o fez. Mas no texto hebraico a preposição usada está no sentido de direção, ou seja, o correto seria traduzir o falar corretamente a Deus. É curioso que todas as versões de Bíblias, tanto em língua portuguesa como em outras línguas não traduzem o texto no sentido de direção de discurso (falar a Deus ou para Deus). O presente artigo apresenta de forma breve as implicações desta tradução, a discussão a respeito desse problema na pesquisa exegética do livro de Jó e propõe uma tradução que seja coerente tanto com o termo hebraico como também com a teologia do livro.*

**Palavras-chave:** *Tradução da Bíblia. Antigo Testamento. Livro de Jó. Teologia.*

#### **Abstract**

*The translation of the Book of Job has been a major challenge for those who deal with this masterpiece of the Old Testament's wisdom literature. In recent years, the research on the book of Job has brought to light some problems in text translation, which also influence its interpretation. A discussed example are the verses of Job 42:7-8. Yahweh expresses a vehement*

1. O autor é doutor em Teologia (Antigo Testamento) pela Universidade Friedrich-Schiller de Jena, Alemanha. Atua como professor de Antigo Testamento e Hebraico Bíblico na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, em São Bento do Sul / SC. (Email: roger.wanke@flt.edu.br).

*criticism against Job's friends because they had not correctly spoken about him, as his servant Job did. But in the hebrew text the preposition used is in the sense of direction. The right translation would be speak correctly to God. It is curious that all versions of Bibles, both in Portuguese and in other languages, do not translate the text in the sense of direction of speech (speaking to God). This essay presents briefly the implications of this translation, the discussion of this problem in exegetical research of the Book of Job and proposes a translation that is consistent both with the hebrew term, but also with the theology of the Book of Job.*

**Keywords:** *Translation of the Bible. Old Testament. The Book of Job. Theology.*

Além de ser conhecido como uma das obras-primas da literatura sapiencial de Israel e do Antigo Oriente, o livro de Jó pode ser considerado *sui generis* também por seu aspecto linguístico. Não é tão simples quanto parece traduzi-lo<sup>2</sup>. Não apenas a forte influência aramaica e o uso exclusivo de termos (*hapax legómena*) dificultam a compreensão e a tradução do texto, mas também o próprio caráter poético, que compõe o livro, são indícios de que há mais desafios do que se pensa ao ler, traduzir e interpretar esse monumento da tradição sapiencial bíblica.

Esse fato, de certa forma, corresponde à própria intenção do autor. Parece que o livro de Jó foi escrito para não ser entendido. Ou seja, ao final da leitura do livro, o leitor não consegue se dar por satisfeito com as respostas, que buscou para explicar o sofrimento humano, enquanto lia o livro. Isso mostra, claramente, que o livro de Jó não tem uma palavra final e absoluta para o problema do sofrimento. Ele não pode ser reduzido a um “livrinho de receitas” prontas para descobrir as causas e soluções do sofrimento do justo. Quem quiser entender o livro de Jó, terá que lê-lo tantas vezes quanto ele mesmo o desafiar a ler. O livro de Jó é um tipo de literatura exigente. Ele pressupõe, por um lado, um leitor crítico e enciclopédico. Por outro, ele torna o leitor cativo de seu enredo e mensagem. Por isso, ninguém permanece mais o mesmo depois que leu o livro de Jó.

Contudo, o entendimento do livro de Jó depende também, em grande parte, de como sua tradução é realizada, já que a mesma não é tarefa fácil para quem ousa traduzir o livro. Muitas vezes, se chega ao final da leitura do livro e não se entende o que ele quer dizer, não apenas por conta do fato de ele ser *sui generis* e tratar de um assunto complexo, como exposto acima, mas principalmente pelo

2. Já Lutero é testemunha desta dificuldade. Ele diz: “Em nosso trabalho em Jó, o M[estre] Filipe, Aurogalo e eu, em quatro dias, às vezes, não conseguimos concluir três linhas”. LUTERO, Martinho. Da tradução e da intercessão dos santos. In: Martinho Lutero. *Obras Seleccionadas*. Vol. 8: Interpretação Bíblica – Princípios. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003, p. 210-211.

fato de várias traduções conhecidas terem a tendência involuntária de complicar ainda mais o texto bíblico, por meio das opções linguísticas, etimológicas e semânticas, que fazem. Chama atenção que a pesquisa exegética em torno do livro de Jó tem trazido à discussão vários estudos linguísticos de como ele deve ser traduzido. No entanto, ao que parece, as versões das Bíblias não têm se apropriado até o momento desses resultados obtidos pela exegese.

Neste sentido, este ensaio<sup>3</sup> tem como propósito discutir o provável problema de tradução da preposição *'el*, encontrada em Jó 42,7-8, considerando estudos recentes e propondo uma tradução da preposição, que corresponda não apenas à etimologia do termo, mas à teologia do próprio livro de Jó. Pode parecer estranho, mas é possível dizer que a compreensão de todo o livro de Jó depende de como se traduz essa simples preposição *'el* em Jó 42,7-8. Nas palavras de Manfred Oeming, esses versículos e a tradução desta preposição são a chave hermenêutica de todo o livro de Jó<sup>4</sup>. Por que se pode fazer tal afirmação?

Esses versos finais apresentam uma surpresa<sup>5</sup> ao leitor do livro de Jó: Os três amigos de Jó, Elifaz, Bildade e Zofar, são duramente criticados por Javé, embora eles o tenham defendido em seus discursos, ao longo de seu diálogo com Jó. E este, por sua vez, apesar de tanto lamento e palavras ásperas contra Javé, é elogiado e caracterizado como “meu servo” pelo próprio Javé. No que consiste, então, o problema dos v.7-8? A questão pode ser resumida no seguinte: Javé critica os amigos por não terem falado “*corretamente*” (*nekônah*) dele, como o seu servo Jó o fez. Mas, ao fazer a leitura do livro, não se encontra em nenhum momento algo teologicamente errado ou comprometedor nos discursos dos amigos. Pelo contrário, muitas de suas afirmações são confirmadas em outras passagens bíblicas veterotestamentárias e pertencem às mais valiosas tradições teológicas de Israel, sendo, inclusive, recebidas e incorporadas no Novo Testamento (Rm 11,34; 1Cor 3,19; Gl 6,6-7; Hb 12,5-6), ou seja, também na tradição cristã. Ao se

3. Este artigo é um recorte resumido, adaptado e atualizado, que se baseia em parte na breve abordagem sobre a interpretação do Epílogo do livro de Jó em minha tese publicada em 2013. Cf. WANKE, Roger Marcel. *Praesentia Dei*. Die Vorstellungen von der Gegenwart Gottes im Hiobbuch (BZAW 421). Berlin: Boston: De Gruyter, 2013, p. 120-147. Um resumo da tese pode ser encontrado em SCHWAMBACH, Claus. Resenha de WANKE, Roger Marcel. *Praesentia Dei*. Die Vorstellungen von der Gegenwart Gottes im Hiobbuch. In: *Vox Scripturae – Revista Teológica*. Volume XXI, n. 2, 2013, p. 193-199. Também acessível online: <http://vox.ft.edu.br/edicao/6/volume-xxi-numero-2-outubro-2013>.

4. Cf. OEMING, Manfred. Das Ziel. In: M. Oeming; K. Schmid. *Hiobs Weg. Stationen von Menschen im Leid*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 2001, p. 121-142. O mesmo texto encontra-se também publicado em: OEMING, Manfred. “Ihr habt nicht recht von mir geredet wie mein Knecht Hiob” (Hi 42.7). Gottes Schlußwort als Schlüssel zur Interpretation des Hiobbuchs und als kritische Anfrage an die moderne Theologie. *Evangelische Theologie* 60, p. 95-108, 2000.

5. Sobre a caracterização de Jó 42.7 como surpresa cf. KOTTSIEPER, I. “Thema verfehlt”. Zur Kritik an den drei Freunden in Hi 42,7-9, in: Markus Wiite (Hg.). *Gott und Mensch in Dialog*. FS für Otto Kaiser zum 80. Geburtstag, BZAW 345/ II, Berlin; New York, 2004, p. 775.

ler os discursos de Jó, por sua vez, o leitor fica chocado com palavras que beiram a blasfêmia, colocando Javé contra a parede, no banco dos réus e o acusando de arbitrário (9,21-22; 21,22-26) e “satânico” (16,9; 30,21)<sup>6</sup>. Como poderiam ser essas palavras corretas? Esse problema semântico poderia gerar problemas teológicos. Poder-se-ia, a partir desta censura crítica de Javé aos amigos de Jó, por exemplo, propor o fim de toda a dogmática, ou doutrina acerca de Deus, pois toda ela estaria de antemão fadada a ser considerada como “não correta”. O mesmo poder-se-ia pensar em relação às palavras ditas por Jó a Deus. Estaria ele murmurando como o povo de Israel fez na caminhada do deserto (cf. Ex 14,11-12; 16,2; Nm 11,1-15)? Seria possível ao ser humano acusar Deus, ou dizer-lhe palavras duras, sem cair no erro da blasfêmia? Vejamos o que diz o texto com mais detalhes.

### 1. Texto e contexto de Jó 42,7-8

Os versos de Jó 42,7-8 fazem parte de um dos textos mais instigantes do livro de Jó e que nos últimos tempos tem se tornado, dentro de vários segmentos da pesquisa exegética, o centro das atenções<sup>7</sup>. O v. 7 abre a segunda parte em prosa do livro de Jó, a qual se tem chamado de epílogo [Jó 42,7-17]<sup>8</sup>. O texto diz:

v. 7 E aconteceu, depois que o Senhor falou (*dibber*) essas palavras a (*'el*) Jó, disse (*'amar*) o Senhor a (*'el*) Elifaz de Temã: “minha ira se acendeu contra ti e contra teus dois amigos, porque vós não falastes (*dibber*) corretamente (*nekonah*)<sup>9</sup> a mim (*'elai*), como o fez meu servo Jó.

6. Evidencia-se aqui o uso da raiz hebraica *štn* traduzida por adversário.

7. Cf. WILLIAMS, J.G. “You have not spoken truth of me”. Mystery and Irony in Job, *ZAW* 83 (1971), p. 231-255; WAGNER, S. Theologischer Versuch über Hiob 42,7-9(10a), in Jutta Hausmann / Hans-Jürgen Zobel (Hg.) *Alttestamentlicher Glaube und Biblische Theologie*. FS Horst-Dietrich Preuß, Stuttgart, 1997, p. 227-238; BERGES, U. Der Ijobrahmen (Ijob 1,1-2,10; 42,7-17) Theologische Versuche angesichts unschuldigen Leidens, *BZ.NF* 39, Paderborn, 1995, p. 240-245; OEMING, M. Das Ziel, in: M. Oeming / Konrad Schmid (Hg.) *Hiobs Weg. Stationen von Menschen im Leid*, BTHSt 45, Neukirchner: Neukirchen-Vluyn, 2001, 121-142; W.-D. Syring, Hiob, p. 104-126; KOTTSEPER, “Thema verfehlt!” 2004, p. 775-785; NGWA, K.N. *The Hermeneutics of the “Happy” Ending in Job 42,7-17* (BZAW 354), Berlin; New York, 2005; ROHDE, M. *Der Knecht Hiob im Gespräch mit Mose*. Eine traditions- und redaktionsgeschichtliche Studie zum Hiobbuch, ABG 26, Leipzig, 2007, p. 114-143; OORSCHOT, J. Van. Die Entstehung des Hiobbuches, in: Thomas Krüger; Manfred Oeming; Konrad Schmid; Christoph Uehlinger (Hg.) *Das Buch Hiob und seine Interpretationen*. Beiträge zum Hiob-Symposium auf dem Monte Verità vom 14.-19. August 2005, Zürich, 2007, p. 175-179; GUILLAUME, P.; SCHUNCK, M. Job’s Intercession: Antidote to Divine Folly, *Biblica* 88, Rom 2007, p. 457-472.

8. A perícopa apresenta paralelos muito interessantes tanto com o Prólogo como com a parte poética do livro. Por conta do foco específico deste ensaio, porém, não há condições de apresentar uma análise exegética mais aprofundada da perícopa de Jó 42,7-10. Para maiores informações cf. WANKE, *Praesentia Dei*, 2013, p. 120-147.

9. A palavra hebraica *nekonah* vem da raiz *kun* no tronco Nifal (cf. SCHÖKEL, L.A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 435 – SI 5,10), que significa fundar, estabelecer. Junto a verbos, que

- v. 8 Mas agora, tomai sete novilhos e sete carneiros e vão para o *meu servo* Jó. Oferecei holocausto para vós. E o *meu servo* Jó deve interceder por vós. Pois eu aceitarei apenas sua oração<sup>10</sup>, para não tratar-vos conforme a vossa loucura (*nebalah*)<sup>11</sup>, porque vós não falastes (*dibber*) corretamente (*nekonah*) a mim (*'elai*), como o fez *meu servo* Jó.

Javé aparece no verso como aquele que tem palavras para (*'el*) Jó. Javé falou a Jó, não o deixou falando sozinho em seu sofrimento. Mesmo tendo aparecido apenas no final, Javé tem a última palavra para o sofredor. Contudo, fica evidente, a partir de uma análise literária do capítulo 42, que os v. 1-6 não são correspondentes ao que segue nos v. 7-10. A última fala de Javé antes da perícope em estudo é ainda em 41,26, que faz parte de seu segundo discurso a Jó (Jó 40,1-2.7-26). Os v. 1-6 são acrescentados posteriormente no duto da argumentação do texto, exatamente entre o final da parte poética (discurso de Javé) e o início da segunda parte em prosa (epílogo)<sup>12</sup>.

O v. 7 faz um contraste interessante com o final do prólogo (Jó 2,13), onde é dito que os três amigos não tinham palavras para dizer a Jó (*we 'ên dober 'elaw dabar*). O que se poderia chamar de *aporia poimênica* dos amigos é suprida pelas palavras de Javé em seu discurso ao final do livro (Jó 38–41), mesmo que essas tenham sido um tanto inesperadas a Jó, pois Javé não responde diretamente às suas perguntas, feitas ao longo do livro. Essa informação, de que os amigos não tinham palavras para dizer a Jó, dada já no prólogo, é de suma importância para se compreender a censura feita por Javé no epílogo. A preposição (*'el*) é usada em Jó 2,13. Já no prólogo fica claro qual é o real problema dos amigos e seu déficit diante do amigo sofredor. Mais adiante se retornará a esse aspecto.

O verso segue apontando para a ira de Deus, que se acende contra Elifaz e seus dois amigos. Elifaz é sempre o primeiro a ser citado no livro de Jó (cf. Jó 4–5; 15; 22) e provavelmente era o mais velho entre os três. Javé vai exercer seu juízo contra os três amigos sábios de Jó, por não terem falado corretamente a Ele (*'elai*), como Jó fez. Javé, assim, estabelece Jó como paradigma do falar corretamente diante dos três amigos. Além disso, é importante mencionar que Javé chama Jó de “*meu servo*” cinco vezes na perícope de Jó 42,7-10. Para Javé, Jó continua sendo seu servo, desde o prólogo (1,8; 2,3) até o epílogo do livro. Esse aspecto aponta para a submissão e perseverança de Jó diante de Deus em meio a seu sofrimento. Jó é então apresentado como um sacerdote, mediador entre Javé

expressam o falar, o termo denota o fato que a palavra se confirma, se comprova, é certa, tem fundamento (cf. SCHÖKEL, 1997, p. 309). Na Septuaginta o termo é traduzido por verdadeiro.

10. Literalmente “erguerei sua face”.

11. Esta é a mesma palavra que Jó usa para descrever as palavras de sua esposa em Jó 2,8. Cf. ainda 1Sm 25,25; Is 9,16; Is 32,6; Gn 34,7; Dt 22,21; Jz 19,24; Jr 29,23.

12. Sobre essa discussão cf. WANKE, *Praesentia Dei*, 2013, p. 401-407.

e seus três amigos, que deverá interceder por eles (*yitpallel*). Os amigos devem oferecer holocaustos (*'olah*) e Javé, a fim de perdôá-los<sup>13</sup>, aceitará a oração (*ki 'im-panaw 'essa*) feita por Jó em favor de seus amigos.

Olhando assim, como o verso foi traduzido, não fica evidente onde está o problema. Mas é bem curioso observar, como as versões em português<sup>14</sup> têm traduzido o v. 7 e, principalmente, a preposição com o sufixo pronominal de l.c.s. (*'elai*) usada por Javé ao se referir das palavras corretas dirigidas a ele pelos amigos. Vejamos as principais versões conhecidas em português<sup>15</sup>:

<b>ARA:</b> Tendo o Senhor falado estas palavras a Jó, o Senhor disse também a Elifaz, o temanita: A minha ira se acendeu contra ti e contra os teus dois amigos; porque não dissestes <i>de mim</i> o que era reto, como o meu servo Jó.
<b>BJ:</b> Quando Iahweh acabou de dirigir a Jó essas palavras, disse a Elifaz de Temã: “Estou indignado contra ti e teus dois companheiros, porque não falastes corretamente <i>de mim</i> , como o fez meu servo Jó”.
<b>NVI:</b> depois que o Senhor disse essas palavras a Jó, disse também a Elifaz, de Temã: “Estou indignado com você com os seus dois amigos, pois vocês não falaram o que é certo <i>a meu respeito</i> , como fez meu servo Jó”.
<b>NTLH:</b> Depois que acabou de falar com Jó, o Senhor disse a Elifaz, da região de Temã: Estou muito irado com você e com os seus dois amigos, pois vocês não falaram a verdade <i>a meu respeito</i> , como meu servo Jó falou.
<b>NBP:</b> Depois que acabou de dizer essas palavras a Jó, Javé se dirigiu a Elifaz de Temã, dizendo: “Estou irritado contra você e contra seus dois companheiros, porque vocês não falaram <i>de mim</i> com retidão, como fez meu servo Jó”.

Como se pode perceber, todas elas traduzem a preposição *'elai* no sentido de falar *sobre* Deus, *de* Deus, *a respeito* de Deus, apontando para o conteúdo do discurso dos amigos e de Jó. É essa tradução que tem gerado os questionamentos em torno da compreensão da perícopé e do livro de Jó como um todo. Como pode que os amigos de Jó são criticados por não terem falado corretamente de Deus, se falaram de fato tudo teologicamente correto sobre Deus? Como pode Jó ser colocado como paradigma do falar corretamente de Deus, se ao fazê-lo usou palavras completamente dissonantes aos ouvidos dos que zelam pela ortodoxia?

13. É importante mencionar que a Septuaginta (LXX) acrescenta ao motivo da ira de Deus o fato de os amigos terem pecado. Por isso, ela destaca o perdão de pecados no v. 9: “E o Senhor perdoou o seu pecado por causa de Jó” (ho kúrios kai élusen tèn hamartían autoû dia Iób). Cf. FOHRER, G. Das Buch Hiob, 1988, p. 538; SYRING, Wolf-Dieter. Hiob und sein Anwalt. Die Prosatexte des Hiobbuches und ihre Rolle in seiner Redaktions- und Rezeptionsgeschichte (BZAW 336). Berlin: New York: De Gruyter, 2004, p. 106.

14. Essa observação vale para Bíblias em versões estrangeiras também. Manfred Oeming faz um levantamento a esse respeito. Cf. OEMING, *Das Ziel*, 2001, p. 136.

15. ARA: Bíblia Sagrada na versão de Almeida Revista e Atualizada, SBB, 1999; BJ: Bíblia de Jerusalém, Paulus, 2002; NVI: Nova Versão Internacional, Vida, 2000; NTLH: Nova Tradução da Linguagem de Hoje, SBB, 2000; NBP: Nova Bíblia Pastoral, Paulus, 2014.

Por que essas versões traduzem a preposição deste jeito? Haveria base linguística e semântica para tal tradução?

Ao conferir léxicos e dicionários da língua hebraica, encontra-se entre as diversas possibilidades de se traduzir a preposição, curiosamente também uma que equivale às preposições “de”, “sobre” ou “a respeito de”. Essa possibilidade existe quando a preposição *'el* está vinculada a um verbo que expressa a ação de falar (*dibber* e *'amar*), que é exatamente o caso em Jó 42,7-8 (cf. também Gn 20,2; Jr 20,16). No entanto, o significado principal da preposição, atestado por todos os léxicos, é que a preposição *'el* indica direção a quem se fala, quando está também vinculada a verbos que expressam a ação de falar, ou a manifestação oral<sup>16</sup>. Além disso, Schökel afirma em seu dicionário que a possibilidade de traduzir a preposição *'el* como “de”, “sobre”, ou “a cerca de” se refere a palavras “em operações mentais representadas imaginativamente como movimentos”<sup>17</sup>. Desta forma, a preposição introduz um termo, um objeto de movimento ou então uma direção mental. Seguindo essa explicação de Schökel, percebe-se que esse não é o caso de Jó 42,7-8. Javé critica palavras que foram realmente ditas e não apenas pensadas mentalmente.

Outro fator a ser considerado é que a preposição *'el* é usada tanto no prólogo (2,13) quanto no epílogo (42,7-8) no sentido de direção do discurso, ou seja, alguém fala *para* ou *a* alguém. No prólogo, especialmente na parte que introduz os amigos na cena e no livro, a preposição *'el* aparece apenas uma única vez e no sentido de direção de discurso. Os amigos, infelizmente, não disseram palavras *para* Jó. Já no epílogo, a preposição aparece 5 vezes (4 delas no sentido de direção do discurso e 1 vez no sentido de direção de movimento). Deus direciona o seu discurso *para* Jó, *para* Elifaz e os seus amigos e critica o discurso dos amigos, por não terem falado *para* Ele.

Portanto, conclui-se até aqui, que a preposição *'el*, ligada a verbos de fala, mesmo podendo ser traduzida semanticamente por “de”, “sobre” ou “a respeito de”, não é empregada em Jó 42, no sentido de direção do discurso. Vejamos agora como a pesquisa atual em torno do livro de Jó tem tematizado o assunto.

## 2. Jó 42,7-8 na atual pesquisa exegética

Muitos estudiosos têm se ocupado com essa questão nos últimos anos. Com isso, fica evidente a importância da perícope nas discussões em torno da her-

16. Cf. GESENIUS, W. *Hebräisches und Aramäisches Handwörterbuch über das Alte Testament*. 18. ed. Berlin: Heidelberg: Springer-Verlag, 1987, p. 59; SCHÖKEL, *Dicionário*, 1997, p. 54. Por outro lado, HOLLADAY, W.L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 21, bem como KOEHLER, L. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros*. Leiden: Brill, 1985, p. 48-49 não mencionam essa possibilidade, indicando apenas a tradução no sentido de direção, quando a preposição estiver ligada a verbos de manifestação oral.

17. SCHÖKEL, *Dicionário*, 1997, p. 54. Schökel afirma que, neste caso, se faz necessário distinguir entre pensamentos, palavras, sentimentos e desejos.

menêutica do livro de Jó. Felix Gradl afirma, com razão, que o relacionamento entre Javé, Jó e seus amigos não é tão simples assim, e necessita de um esclarecimento<sup>18</sup>. Na atual pesquisa em torno do livro de Jó as opiniões se dividem entre aqueles que interpretam o problema da crítica e do elogio de Javé como *direção do discurso* ou como *conteúdo do discurso*.

No ano 2000, Manfred Oeming publica um artigo na conceituada revista *Evangelische Theologie*, na Alemanha, abordando essa questão. Sua contribuição tem revolucionado o entendimento de Jó 42,7 e tem encontrado aceitação em muitos trabalhos posteriores. Oeming faz um balanço até então de como a pesquisa exegética do livro de Jó lidou com o problema da tradução da preposição *'elai*. Ele aponta para a tradução que leva em conta a direção do discurso (falar corretamente a Deus) e não o aspecto do conteúdo (falar corretamente de Deus). De acordo com a sua análise, Oeming aponta para as 11 ocorrências da preposição *'el* em conexão com o verbo *'amar* no livro de Jó. Em todas elas, o sentido é de direção, ou seja, *falar para, falar a*. Um dos pontos mais relevantes de sua abordagem é a comparação com a tradução feita pela Septuaginta e pela Vulgata, que confirmam a tradução no sentido de direção do discurso. A preposição é traduzida na Septuaginta por *'enôpion mou* (diante de mim). Com isso, Oeming aponta para o fato de que os amigos de Jó não falaram diante de Deus, na presença de Deus, com Deus. O mesmo acontece na Vulgata, na qual a preposição foi traduzida por *coram me* (diante de mim, na relação pessoal com Deus), expressando não apenas a posição dos amigos diante de Deus, mas o fato de eles não terem falado a Deus, diante de Deus sobre o seu amigo Jó<sup>19</sup>. Sendo assim, Oeming chega à conclusão que Deus louva a direção do discurso de Jó, ou seja, o fato de ele ter falado a Deus. Os amigos são criticados, portanto, conforme Oeming, por não terem falado diretamente a Deus e sim teorizado a respeito de Deus.

No ano de 2007, Ludger Schwienhorst-Schönberger publica seu livro *Ein Weg durch das Leid: Das Buch Ijob*<sup>20</sup>, no qual apresenta uma tradução da preposição no sentido de direção do discurso: “porque não falastes corretamente a mim, como o fez meu servo Jó”<sup>21</sup>. Para ele, a tradução *de mim*, que ocorre em várias versões é problemática em duplo sentido. “Por um lado, não está tão evidente em que medida os amigos não teriam falado corretamente *sobre* Deus [...]. Por outro lado, a tradução proposta chegaria a contradizer a precedente retratação de Jó (42,6) e sua admissão de ter falado sobre coisas ‘que não entendia, de maravilhas

18. GRADL, Felix. *Das Buch Ijob* (NSK AT 12). Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 2001, p. 340.

19. OEMING, *Das Ziel*, 2001, p. 138.

20. SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, Ludger. *Ein Weg durch das Leid: das Buch Ijob*. Freiburg in Breisgau: Herder, 2007. Esse livro foi traduzido para o português e publicado como: *Um caminho através do sofrimento: O livro de Jó*. São Paulo: Paulinas, 2011.

21. SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, *Um caminho*, 2011, p. 245.

que ultrapassam' (42,3)<sup>22</sup>. Schwienhorst-Schönberger questiona se de fato Jó teria falado corretamente sobre Deus. No entanto, ele não aprofunda essa questão e cita a proposta de tradução apresentada por Manfred Oeming, discutida acima, apontando para a direção do discurso e, com isso, fundamenta sua tradução “a mim”. Embora sua tradução, como se tem visto, é a mais apropriada, questiona-se em Schwienhorst-Schönberger o fato de ele reduzir o falar correto de Jó apenas ao texto de Jó 42,1-6. Se a crítica de Javé aos amigos leva em conta o todo de seus discursos, por que o mesmo não aconteceria considerando o todo dos discursos de Jó? Por que Jó seria considerado por Javé um paradigma do falar correto a Deus apenas pelo seu reconhecimento em 42,3?

No mesmo ano, Michael Rohde trata desta discussão tentando sintetizar as diferentes tendências de interpretação da atual pesquisa<sup>23</sup>. Para ele, esse texto é a “continuação lógica da intenção teológica das cenas do céu” (Jó 1,6-12; 2,1-7) e forma, ao mesmo tempo, através da crítica de Javé uma “interpretação teológica de todo o livro de Jó”<sup>24</sup>. Rohde reconhece que o problema de Jó 42,7, além da tradução, é também de interpretação. Ao fazer essa afirmação, Rohde constata a pouca ocupação com os discursos dos amigos que se verifica na pesquisa do livro de Jó. Por isso, uma solução para o problema de compreensão de Jó 42,7 só deve ser encontrada, se houver uma busca pelo sentido tanto nos discursos de Jó, como nos discursos dos amigos.

Partindo desta observação, Rohde apresenta três modelos de interpretação para o que é “correto” em Jó 42,7: um aspecto positivo em relação a Jó e dois aspectos negativos em relação aos amigos<sup>25</sup>. A respeito de Jó, Rohde cita, em primeiro lugar, o contato que Jó tem com Javé, que o escolhe como endereço certo de seus discursos. Nesse sentido, Rohde aponta para a tradução da preposição *'elai* como direção do discurso. Em segundo lugar, Rohde afirma que a perseverança de Jó em afirmar sua inocência, em seus discursos, mostra a autocrítica de Jó, e assim a preposição passaria a se referir à postura de Jó diante de Deus. Por fim, Rohde afirma que o elogio de Javé a Jó se refere à nova concepção de Deus, que Jó tem ao conceber Javé como Deus criador, após os seus discursos (Jó 38-41). Desta forma, a preposição se refere ao conteúdo do que Jó falou, principalmente em Jó 4,3-5 e 42,1-6. Já em relação aos amigos, Rohde afirma, por um lado, que a crítica de Javé se refere contra a inflexibilidade de um “sistema teológico rígido dos amigos”. Isso caracteriza uma teologia “não correta”, que apresenta déficits

22. SCHWIENHORST-SCHÖNBERGER, *Um caminho*, 2011, p. 245.

23. ROHDE, M. *Der Knechte Hiob im Gespräch mit Mose*. Eine traditions- und redaktionsgeschichtliche Studie zum Hiobbuch. Leipzig, Evangelische Verlagsanstalt, 2007, p. 114-144.

24. ROHDE, *Der Knechte*, 2007, p. 222.

25. ROHDE, *Der Knechte*, 2007, p. 127-139.

em seu conteúdo. Por outro, Javé estaria criticando os amigos contra a postura deles em relação a Jó. Eles se apresentam como advogados de Javé e acusadores de Jó e, dessa forma, agem de forma “não correta”.

A análise de Rohde deixa claro, que a interpretação do v. 7 por conta dessa pluralidade de significados, não leva a nenhum consenso. Por isso, ele sugere uma interpretação e tradução integrativa<sup>26</sup> das diferentes possibilidades de entender o verso. Sua tradução da preposição *'elai* como “*em relação a mim*” aponta para duas interpretações, tanto o conteúdo do que é falado quanto a postura do que fala. No caso do conteúdo do discurso, o argumento de Rohde, igual ao de Ludger Schwienhorst-Schönberger, de que o falar correto de Jó se refere apenas aos seus dois últimos discursos em Jó 40,3-5 e Jó 42,1-6, não é convincente. Acima já foi dito, mesmo que de forma fragmentada, que os v. 1-6 provavelmente são acréscimos posteriores, que interrompem o discurso de Javé a Jó e a sua crítica aos amigos. Também insustentável, seria afirmar, conforme Rohde, que o falar correto de Jó se refere ao seu emudecer diante do discurso de Javé. Que o silenciar do ser humano diante de Deus é uma de suas atitudes mais corretas em seu relacionamento com Ele permanece indiscutível. Mas entender que a crítica feita aos amigos é porque eles não se calam diante de Jó, seria invalidar, por exemplo, o livro de Salmos e sua força nas palavras do ser humano diante de Deus, também em meio ao sofrimento.

O que não fica claro na abordagem de Rohde é se o aspecto da direção do discurso na postura do que fala deve ser integrada no significado do uso da preposição. Rohde aponta para a relação intrínseca entre o conteúdo e a postura do que fala. No entanto, uma exclusão da dimensão da direção do discurso não seria gramaticalmente possível, considerando o significado da preposição *'el* junto a verbos de fala, como dizer e falar. Nesse sentido, podem-se afirmar as três dimensões do significado da preposição: o conteúdo do discurso, a postura do que fala e a direção do discurso. O estudo de Rohde aponta com razão para o perigo de se ter uma tradução unilateral desta preposição no livro de Jó<sup>27</sup>.

Um aspecto que não aparece nas discussões atuais sobre Jó 42,7 é o fato de que no próprio livro de Jó pode-se encontrar uma resposta para esse problema. Um quarto amigo de Jó, chamado Eliú, aparece inesperadamente e sai de cena, sem ao menos se despedir. Ele parece poder ajudar na solução deste problema.

26. ROHDE, *Der Knechte*, 2007, p. 140-144. Um modelo integrativo é apresentado também por K.N. NGWA, “Happy” *Ending*, 2005, p. 9, 25. Ngwa sugere: “porque não não falastes corretamente para / sobre mim”.

27. Rohde ainda aponta para o mesmo fenômeno no uso e tradução da mesma preposição em relação com a preposição *'al* nas cenas dos céus em Jó 1,7-8; 2,2-3,5-6. Cf. ROHDE, *Der Knechte*, 2007, p. 63-67; WANKE, *Praesentia Dei*, 2013, p. 134-135. O que fica claro nesta abordagem é que o uso da preposição nas cenas do céu determina a leitura da mesma preposição em Jó 42,7.

### 3. Jó 42,7 e a crítica de Eliú

Se considerarmos os discursos de Eliú (Jó 32–37), que na pesquisa é consenso ser um acréscimo posterior e provavelmente a última camada do processo de redação do livro<sup>28</sup>, então esse tema ganha novas proporções. Na pesquisa atual tem sido destacada a grande probabilidade de o autor dos discursos de Eliú, por serem posteriores, pressupor tanto o epílogo como partir dele em sua argumentação. O texto inicia com uma crítica acentuada de Eliú contra Jó e contra os amigos (Jó 32,1-5). Mesmo sendo em prosa, o texto pode ser estruturado de forma quiástica. Assim, fica evidente o foco da ira de Eliú, num primeiro momento contra os amigos de Jó. Vejamos o texto em seus detalhes:

- v. 1 Cessaram aqueles *três homens* de responder a Jó no tocante ao se ter ele por justo aos seus próprios olhos.
- v. 2 Então, se acendeu a ira de Eliú, filho de Baraquel, o buzi-ta, da família de Rão; acendeu-se sua ira contra Jó, porque este pretendia ser mais justo que Deus.
- v. 3 Também a sua ira se acendeu contra os *três amigos*, porque, mesmo não achando eles o que responder, condenavam a Deus<sup>29</sup>.
- v. 4 Eliú, porém, esperara para falar a Jó, pois eram de mais idade do que ele.
- v. 5 Vendo Eliú que já não havia resposta na boca daqueles *três homens*, a sua ira se acendeu.

Três vezes os amigos são mencionados (v. 1, 3 e 5). Três vezes é dito que eles não tinham respostas para Jó (v. 1, 3 e 5). Esta é, portanto a ênfase dada por Eliú. Assim, ele retoma o que já é dito dos amigos no prólogo (Jó 2,13). A

28. Sobre a pesquisa em torno da redação dos discursos de Eliú cf. WAHL, Harald-Martin. *Der Gerechte Schöpfer. Eine redaktions- und theologiegeschichtliche Untersuchung der Elihureden – Hiob 32–37* (BZAW 207). Berlin; New York: De Gruyter, 1993; OORSCHOT, *Die Entstehung des Hiobbuches*, 2007, p. 165-184; WANKE, *Praesentia Dei*, 2013, p. 15-18; 379-410; SCHMID, 2013, p. 234-235; ANDIÑACH, Pablo R. Introdução Hermenêutica ao Antigo Testamento. São Leopoldo: Sinodal, 2015, p. 378-379.

29. Aqui nos deparamos com outro problema de tradução no livro de Jó. O texto massorético afirma que os amigos condenaram a Jó (*wayyaršî'û 'et-'iôb*). Mas no aparato crítico há uma indicação de uma correção de um escriba (*Tiqune sopherim*), que corrige colocando Deus (*ha'elohîm*) no lugar de Jó. Com isso é dito que os amigos consideravam Deus culpado do sofrimento de Jó. Sobre esse aspecto na pesquisa de Jó cf. WAHL, 1993, p. 38; KAISER, 2006, p. 58; FOHRER, 1988, Hiob, p. 446 [... und Gott ins Unrecht gesetzt haben]. Embora essa leitura seja correta, como estudiosos têm demonstrado, permanece a pergunta, onde e de que forma os amigos condenaram Deus em seus discursos. Ao que parece, os amigos defenderam Deus e a sua justiça em seus discursos contra Jó. Mais adiante esse aspecto será retomado neste estudo.

crítica de Eliú destaca a aporia dos amigos em relação a Jó, a sua postura em relação a Javé e a posição de Jó diante de Javé. Na avaliação de Eliú, os amigos condenam a Javé e Jó se coloca mais justo que Deus. A justiça divina, portanto, é reconhecida como o problema tanto nos discursos de Jó quanto nos discursos dos amigos. A crítica de Eliú contra Jó, por sua vez, toma conta de todo o restante do seu discurso. Os amigos não são mais mencionados por Eliú. Dessa forma, eles são criticados apenas pela sua falta de argumento diante de Jó e por sua falsa postura diante de Deus. Em contrapartida, Jó é criticado por Eliú na sequência de seu discurso tanto pelo conteúdo de suas palavras quanto pela direção de seu discurso: Jó falou sem conhecimento e nas suas palavras não havia sabedoria (Jó 34,35). Jó falou com palavras vãs e sem entendimento (Jó 35,16). Suas palavras se multiplicam contra (*la 'el*) Deus (Jó 34,37).

Pode-se dizer, a partir desta breve análise, que Eliú, redacionalmente, é o primeiro a reconhecer o problema da crítica de Deus contra os amigos em Jó 42,7. Para ele está claro que tanto as palavras quanto a postura de Jó, assim como as palavras dos amigos a Jó e sua postura em relação a Deus, contêm dificuldades e déficits. O conteúdo dos discursos de Jó e dos amigos vai, de acordo com a interpretação de Eliú, na mesma direção: Jó falou sem entendimento e sem sabedoria. Os amigos não conseguem dar, por meio de sua sabedoria, uma resposta a Jó. O conteúdo, tanto dos discursos de Jó quanto dos amigos, marca o fim da sabedoria. Por conta disso, Eliú pode falar-lhes partindo de outra sabedoria, a do Espírito, que está nele (Jó 32,18). Quanto à postura do discurso de Jó e dos amigos, Eliú, mesmo partindo de aspectos distintos, conclui que todos eles condenam a Deus. Jó condena a Deus, ao considerar a si mesmo mais justo do que Deus. Ele afirma desde o início até o final de seus discursos sua inocência e sua integridade e reconhece que Deus é o causador do sofrimento do justo e, que, por isso, deve ser considerado culpado e injusto. Já os amigos, na visão de Eliú, condenam a Deus, mas de forma paradoxal, querendo defender o próprio Deus e a sua justiça. Eles não partem da possibilidade de que Deus pode ser o causador do sofrimento do justo e por isso culpam a Jó. Dessa forma, fica evidente que dar culpa ao ser humano sem motivos concretos, à custa de uma defesa arbitrária da justiça de Deus, condena o próprio Deus, considerando-o também injusto. Deus não precisa de advogados e o ser humano não pode assumir o papel de juiz do seu semelhante. O terceiro aspecto, da direção do discurso, aparece em Eliú apenas em relação a Jó. Eliú não menciona se os amigos dirigiram o seu discurso também a Deus. Isso já é um grande indício para compreendermos o problema em Jó 42,7.

Resumindo o que foi visto até aqui, a partir da interpretação de Eliú, chega-se ao seguinte resultado: Em relação a Jó, Eliú aborda suas três dimensões do discurso: o conteúdo (Jó fala sem entendimento e sem sabedoria – 35,16), a postura (Jó se considera mais justo que Deus – 32,2), a direção (Jó falou contra Deus – 34,37). De forma especial, a perícopes de Jó 34,35-37 parece apontar nesta direção: **a)** Jó falou sem entendimento – conteúdo (v. 35); **b)** Jó falou como

ímpio, que se considera justo – postura (v. 36); **c)** Jó falou contra Deus – direção (v. 37). Já em relação aos amigos, Eliú destaca apenas duas dimensões do discurso: o conteúdo (eles não tinham palavras, nem respostas para Jó) e a postura (eles condenaram Deus ao quererem defendê-lo).

Assim, a breve análise da crítica de Eliú deixa claro que o que faltou para os amigos de Jó foi o falar a Deus, ou seja, o aspecto da direção do discurso. Eles apenas falaram de Javé a Jó, mas eles não falaram de Jó a Javé.

#### 4. A compreensão de Jó 42,7

A partir de toda essa abordagem é possível compreender Jó 42,7 fazendo duas distinções. Uma vez, deve-se verificar o que significa o considerado “correto” (*nekonah*) por Deus em relação aos discursos de Jó. O outro aspecto significa verificar o que foi considerado “não correto” por Deus em relação aos discursos dos amigos. Seguem as distinções em detalhes:

Em relação aos discursos de Jó:

**a)** O **conteúdo do discurso** de Jó é “correto” **sobre** Deus nos hinos citados por ele, nos quais ele aborda o tema da sabedoria abscondita de Deus, do poder ambivalente de Deus em sua criação (Jó 9,4-13; 26,5-14). Neles, Jó reconhece que Deus permanece um mistério. Ele reconhece a aporia e o limite da sabedoria humana (Jó 12,7-25; 28,1-28; 42,2). Seu falar a respeito da abscondicidade de Deus o leva a emudecer ao final de seu discurso (Jó 40,3-5). O conteúdo correto sobre Deus é apresentado por Jó por meio de hinos. Estes apontam para quem é Deus e para o que ele faz.

**b)** A **postura do discurso** de Jó é “correta” **em relação a Deus**, ou no relacionamento com Deus, pelo fato de Jó perseverar diante de Deus (*coram Deo*). Custe o que custar, Jó quer chegar à presença de Deus para lhe apresentar sua defesa (Jó 13,1-19; 31,35-37). No entanto, Jó reconhece que não é capaz de contender com Deus (Jó 9,3-14). Mesmo insistindo com sua inocência e integridade, mesmo apontando para a sua justiça, Jó reconhece que não é capaz de se autojustificar diante de Deus, muito menos de existir como justo diante dele. Jó não desistiu de Deus, mas permaneceu diante dele. Mesmo não compreendendo a justiça de Deus e reconhecendo que não é capaz de contender com Deus, não abriu mão de lutar com Deus por sua justiça.

**c)** A **direção do discurso** de Jó é “correta” porque foi dirigida **para** Deus. Jó se dirige a Deus com o pessoal “Tu”. Jó ora, lamenta, clama a Deus e contra Deus. Por isso, não é o conteúdo dos lamentos que deve ser levado em conta para compreender a avaliação de Deus,

mas o fato de Jó, diferente de seus amigos, ter se dirigido a Deus e falado com Ele. Nesse discurso dirigido a Deus, Jó reconhece sua fragilidade e transitoriedade. No limiar da morte, Jó reconhece o limite da vida. Ao desejar a morte, reconhece o fim da esperança humana. Ao lamentar sobre sua *conditio humana* diante de Deus, Jó reconhece quem Deus realmente é.

Em relação aos discursos dos amigos:

**a) O conteúdo do discurso** dos amigos **sobre Deus** é considerado “não correto” pelo fato de eles permanecerem presos à teologia da retribuição, que anunciava a ira de Deus contra o pecador (Jó 4,8-9) e uma misericórdia divina condicionada à conversão do ser humano (Jó 22,21-26). Embora isso tudo seja verdade, o livro de Jó, bem como o de Eclesiastes, partem da crise da sabedoria<sup>30</sup>, que mostra, a partir exatamente do sofrimento do justo, que o ímpio pode ser abençoado e o justo sofrer injustamente. Os amigos de Jó repetiram apenas dogmas apresentando uma teologia unilateral e centrada na causa e efeito das ações do ser humano. Uma teologia, mesmo conforme os dogmas aceitos e normativos, mas que permanece unilateral ao falar sobre Deus, não pode ser considerada uma teologia “verdadeira”.

**b) A postura do discurso** dos amigos **em relação a Deus** é considerada “não correta” pelo fato de eles se colocarem contra o sofredor e o acusarem. Eles não levam o sofrimento de Jó a sério. Eles querem defender Deus e sua justiça, ao invés de se colocar ao lado do sofredor. Deus não precisa de defensores, principalmente daqueles que rejeitam ou desconsideram o sofredor. Os amigos se tornam defensores de Deus e acusadores do ser humano. Foi por isso que Eliú considera que eles acabam considerando o próprio Deus como injusto. Deus, por ser Deus e sem necessitar de advogados pode torcer o direito e agir como se fosse injusto (cf. Jó 8,3), se isso se trata de agir conforme a sua graça. “Deus tem a liberdade de ser diferente do que permite a teologia da retribuição”<sup>31</sup>. Uma teologia que não leva o sofredor inocente a sério em seu sofrimento, mesmo quando esse sofrimento é causado pelo próprio Deus, não pode ser considerada uma teologia “verdadeira”.

30. Sobre o fenômeno da crise da sabedoria cf. SCHMID, H.H. *Wesen und Geschichte der Weisheit – Eine Untersuchung zur altorientalischen und israelitischen Weisheitsliteratur* (BZAW 101). Berlin; New York: De Gruyter, 1966; RAD, Gerhard von. *Weisheit in Israel*. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener, 1970; LÍNDEZ, José Vilchez. *Sabedoria e Sábios em Israel*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2011, p. 133-136.

31. ROHDE, *Der Knechte*, 2007, p. 222.

c) A *direção do discurso* inexistente dos amigos pode ser considerada “não correta” **para** Deus, exatamente pelo fato de não existir. Esse aspecto não pode passar despercebido na pesquisa do livro de Jó. Que os amigos não dirigem palavra alguma para Deus pode ser entendido como a razão última, porque Javé os critica veementemente em Jó 42,7. Eles falam apenas *com* Jó e *para* Jó. Mas eles deveriam ter intercedido em favor de Jó junto a Deus e, dessa forma, falado para Deus a respeito de Jó. O que os amigos não fizeram com Jó, curiosamente, será feito por este em favor de seus amigos. Por isso não se pode afirmar que seja o tema que esteja faltando na compreensão da crítica de Javé aos amigos, como Ingo Kottsieper sugere. Pelo contrário, o que falta é a oração dos três homens pelo seu amigo sofredor. Por isso, uma teologia que não intercede pelo sofredor e assim fala *com* Deus e leva os sofredores *a* Deus não pode ser considerada uma teologia “verdadeira”.

##### 5. Considerações finais para a teologia e para o teólogo

Jó falou *de* Deus, na sua *relação* com Deus e *para* Deus. Essas três dimensões pertencem juntas e caracterizam Jó como “servo de Javé”, que não se apresenta como defensor da justiça divina, mas como aquele que sofre inocentemente sem abrir mão de sua justiça e sem romper com o relacionamento com Deus, submetendo-se diante desse Deus. Essas três dimensões do discurso de Jó e que são avaliadas por Javé como “corretas” legitimam o que de fato pode ser considerado uma “teologia verdadeira”, que não consiste na defesa de Deus, muito menos na repetição de dogmas a respeito de Deus. Pelo contrário, uma “teologia verdadeira” é aquela que consiste na reflexão acerca de Deus, que acontece na relação com Deus. O problema dos amigos de Jó foi a sua falta de palavras (*Sprachlosigkeit*)<sup>32</sup>, seu déficit em conteúdo, postura e direção em seu discurso.

A análise deixou evidente que a tradução da preposição *'el* não é um mero problema linguístico ou etimológico. Ela gira em torno da compreensão geral de todo o livro de Jó, bem como aponta, em última análise, para um problema real e constante na Teologia e entre Teólogos. Se teólogo é aquele que fala de Deus, que contribuição tem essa análise de Jó 42,7 para o fazer Teologia?

Embora seja mais fácil ou até mesmo mais óbvio determinar que o tema central do livro seja o sofrimento do justo, o fato de haver em Jó 42,7 essa problemática em torno da tradução da preposição *'el* deixa claro que o sofrimento do justo é apenas um tema tangencial. Ele serve para discutir o principal tema

32. WANKE, *Praesentia Dei*, 2013, p. 140.

do livro de Jó: a possibilidade de fazer teologia e de ser teólogo<sup>33</sup>. Teólogo que se limita a apenas falar de Deus está condenado pelo próprio Deus. No livro de Jó o teólogo é colocado no banco dos réus. Os amigos de Jó, Elifaz, Bildade e Zofar, são duramente criticados por Deus por sua teologia, que se limitou a falar de Deus, embora corretamente.

Por isso, também hoje teólogos e a própria teologia devem parar e refletir se não estão apenas falando de Deus e sobre Deus, sem ao menos falar com Deus<sup>34</sup>. No Antigo Testamento como um todo e, especificamente, no livro de Jó, falar de Teologia é, antes de qualquer coisa, falar com Deus (Is 45,15). O teólogo vai falar sobre Deus, quando tiver falado com Deus. Sua maior contribuição diante da catástrofe humana não é despejar conhecimentos teológicos sobre o que sofre, mas levar o sofredor diante de Deus em oração. Com isso não se está resumindo a Teologia e todo o seu arcabouço teórico e científico em uma simples oração intercessora. Pelo contrário, é por meio da intercessão e do falar com Deus *coram Deo* que as transformações da realidade de sofrimento podem ser experimentadas. É no falar com Deus que a Teologia, também enquanto ciência, encontra a sua força e a sua legitimação. Assim, pelo menos, ensina o teólogo Jó. Diante do sofrimento humano o teólogo, mesmo que não admita com tanta facilidade, será aquele que terá que reconhecer sempre de novo e em primeiro lugar a sua aporia poimênica. Ele não tem palavras para dizer. E, quando as encontra, não deveria ser em primeiro lugar para falar sobre Deus ao que sofre, mas sim do que sofre para Deus. Que possamos aprender do servo Jó a falar *de* Deus, *contra* Deus, *na presença* de Deus e *a* Deus. Isso sim pode ser considerado por Deus Teologia *teologicamente e verdadeiramente* correta.

Roger Marcel Wanke

Faculdade Luterana de Teologia – FLT  
Direção de Ensino - Pesquisa - Extensão  
Rua Enfermeira Walli Malschitzky, 16  
89285-295 São Bento do Sul, SC  
roger.wanke@flt.edu.br

33. SCHMID, Konrad. *História da Literatura do Antigo Testamento*. Uma Introdução. São Paulo: Loyola, 2013, 195: “Quando nos aproximamos do livro de Jó dessa maneira, ele se revela como texto que não aborda como tema central nem o sofrimento do justo, nem a pergunta pela teodiceia, mas problematiza a possibilidade de teologia em geral [...]. Falar sobre Deus é impossível, mas é no falar com Deus que o livro de Jó vê a possibilidade da atitude adequada diante dele”.

34. Cf. a abordagem crítica à teologia como conclusão da análise de Jó 42,7 por OEMING, *Das Ziel*, 2001, p. 140-142.